Importações de polpa afetam a produção

Em novembro encerra-se a colheita do tomate rasteiro, destinado a abastecer a indústria de derivados. A demanda industrial de matéria-prima está estimada em 1 milhão de toneladas anuais, segundo as empresas. As últimas previsões do IBGE indicam uma produção em torno de 768 mil toneladas, concentrada nos estados de São Paulo, Pernambuco e Goiás. Portanto as importações de polpa em 1994 também deverão alcançar volume significativo, a exemplo do que vem ocorrendo nos últimos anos.

No ano passado, a produção líquida de conservas alimentícias registrou uma expansão de 4% em relação a 1992, totalizando, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação (Abia), cerca de 312 mil toneladas. Desse total, cerca de 60% correspondem a derivados de tomate, 27% a frutas e 13% a vegetais diversos. Em 1993 foram produzidas cerca de 187 mil toneladas de processados de tomate, das quais a maior quantidade corresponde ao extrato concentrado, cuja produção líquida anual média está estimada em 100-110 mil toneladas.

O grau de subordinação do setor primário a indústrias é tão elevado que alguns chegam a comparar esse modelo a uma forma de assalariamento.

O setor agroindustrial do tomate não é verticalizado, ou seja, as lavouras não pertencem à indústria, mas sim a terceiros que entregam a matéria-prima às fábricas, mediante contrato antecipado de compra e venda. Mas o grau de subordinação do setor primário ao capital industrial nessa integração é tão elevado que alguns pesquisadores chegaram a considerar que esse modelo de vinculação não passaria de uma forma de assalariamento. De fato, no caso do tomate, a relação produtor/indústria alcança um raro grau de intimidade, no qual o produtor se submete integralmente às exigências da indústria e ao mesmo tempo não possui um forte poder de barganha ao negociar a sua própria remuneração.

Em décadas passadas a produção de tomate para o esmagamento apresentou notável dinamismo, impulsionado pela indústria, que se encarregou de transferir tecnologia para o setor.

Vale lembrar que o tomate para o esmagamento é plantado no sistema rasteiro, ou seja, a lavoura não é conduzida com tutores, como ocorre com o tomate de mesa, cujo preço de comercialização é maior, devido ao custo de produção também maior. A partir de meados da década de 80, houve certa euforia com relação à produção no vale do rio São Francisco, para onde a indústria resolvera se deslocar, rompendo a tradicional predominância do estado de São Paulo no cenário produtivo. Várias foram as razões para essa transferência, mas o fato é que, após um período de apogeu, a produção no Nordeste também começou a declinar, sobretudo devido a práticas culturais inadequadas, que favoreceram a disseminação de uma praga que se tornou o principal fator limitante da cultura na região.

Polpa de tomate
Brasil — importações — 1988-94

Anos	Quantidade (kg)	Valor (US$)
1988	376	686
1989	3.274.578	4.170
1990	30.436.020	34.572.274
1991	17.559.051	14.764.219
1992	32.565.976	35.935.137
1993	31.635.814	31.573.281
1994[1]	12.399.830	14.153.448

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior.
[1] Janeiro a junho de 1994.

Na busca de novas regiões para expansão, a indústria voltou-se para o cerrado, fomentando a produção em algumas regiões específicas em Minas Gerais e na Bahia. Ao mesmo tempo, mudanças importantes na estratégia para aquisição de matéria-prima tiveram novamente efeitos no setor produtivo, dessa vez limitando o seu crescimento. No início dos anos 90, acordos bilaterais de comércio com países da América do Sul provocaram um incremento nas importações de polpa, matéria-prima básica da indústria. Os preços muito competitivos das polpas argentina e chilena, agregados à redução das alíquotas de importação prevista nos acordos comerciais mantidos com aqueles países, fizeram com que a indústria incorporasse as compras externas à sua estratégia de aquisição de matéria-prima, afetando negativamente a produção interna (ver tabela).

Para se ter uma idéia, considerando que, numa conversão grosseira, uma parte de polpa 30-32° Brix corresponda a oito partes do produto *in natura*, então uma importação de 31 mil toneladas de polpa, que foi o total verificado em 1993, representa 248 mil toneladas de tomate rasteiro que deixaram de ser produzidas internamente. Tal quantidade corresponde a mais de 1/4 da produção nacional do ano passado ou a safra inteira do estado de Pernambuco, atualmente o maior produtor.

Em 1993, a produção total de tomate (mesa e industrial) alcançou 2,3 milhões de toneladas, desempenho praticamente equivalente ao de 1991. Desse total, 33% corresponderam ao produto destinado ao esmagamento. A retração do mercado doméstico de derivados e as dificuldades já mencionadas da produção explicam o resultado da safra do tipo industrial, aquém do comportamento histórico e muito inferior ao recorde de 1988.

ELIANA CONDE B. L. VIGLIO

UVA

Prossegue a reconversão

A viticultura brasileira é um dos subsetores da agricultura que maior preocupação demonstrou com o Mercosul. Considerando-se que mais de 80% dos vinhedos gaúchos têm menos de cinco hectares e poucas possibilidades de competição, segundo analistas da área, buscou-se incentivar a substituição da atividade por outras, de frutíferas diversas de clima temperado. Essa idéia foi consubstanciada no Programa de Reestruturação e Desenvolvimento da Vitivinicultura do Rio Grande do Sul (Provitis) assinado em 25 de janeiro de 1993. O Provitis terá duração de um qüinqüênio e será mantido por um fundo constituído por dotações orçamentárias dos governos municipais, estaduais e federal, do setor privado e de órgãos de fomento nacionais e estrangeiros.

Também podem ser destacadas as iniciativas da Companhia Vinícola Aurora, maior empresa da viticultura, que encaminhou seus projetos de diversificação e reconversão ao BNDES e à Inter-American Investiment Corporation. Com eles, a companhia pretende substituir progressivamente a produção do vinho comum pelo suco de uva e acelerar a reconversão (troca por outras frutíferas).

A produção e a área da uva no Brasil pouco se têm alterado nos anos recentes. No qüinqüênio, a menor área colhida foi a de 1990, com 58.663ha, e a maior foi a de 1993, com 60.071ha. A maior produção também se deu em 1990, totalizando 804,8 mil toneladas, e a menor ocorreu em 1991, apenas 648 mil.

Na safra colhida no início deste ano, o inverno colaborou com os agricultores, pois a planta necessita de período superior a 400 horas de frio inferior a 10°C. Além do frio, o ar esteve seco e apenas a precipitação de granizo, em setembro de 1993, em Bento Gonçalves, foi apontada como fator negativo. No que se refere ao mercado, porém, costumam-se considerar negativas as negociações prolongadas em torno da definição do preço de comercialização, que se iniciaram em outubro de 1993. Começaram com a reivindicação de CR$49,00/kg para a uva comum, de 15 graus glucométricos, com a indústria oferecendo CR$40,00/kg (a Conab o definiu em CR$38,50/kg, a partir dos custos de produção). Foi decidido que ficaria em CR$40,00/kg, válido a partir de 1º de janeiro de 1994, com correção quinzenal, pela variação da TR.

Os problemas mais sérios com o clima da safra colhida este ano só se manifestaram justamente durante a colheita gaúcha (responsável por mais de 70% do total do país), quando choveu muito na região da Serra. Isso reduziu o teor de açúcar nas frutas, o que prejudica a vinificação. As uvas de variedades precoces, porém, tiveram bom desenvolvimento e se espera que os vinhos brancos deste ano sejam de boa qualidade. Apenas as viníferas finas tardias apresentaram problemas qualitativos. Em termos de quantidade, calculava-se que a safra colhida até abril se reduzisse em até 15%, mas o resultado final foi bem melhor, com apenas 2% de perdas no Rio Grande do Sul.